

XIII ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA

João Pessoa, 28 de abril de 2000

Sexualidade e subjetividade na perspectiva das relações de gênero¹

Eliane Gonçalves

É uma honra poder estar nesta mesa com companheiras de caminhada no feminismo. É a primeira vez que falo para um público totalmente identificado com o feminismo. Isso tem suas implicações, seguramente. O tema é caro ao ideário e metodologia feministas. É também um terreno onde muitas possibilidades discursivas se articulam. De que sexualidades e de que subjetividades vamos falar? Por onde começar?

Tornou-se comum aqui no XII ENF identificarmos a qual onda do feminismo pertencemos. Sou do tempo em que o *slogan* “nosso corpo nos pertence” estava no centro do debate do movimento, no Brasil. Conheci o feminismo exatamente quando ele estava se (re)articulando na era da abertura política, início dos anos 80. Era muito jovem e estava irresistivelmente atraída pelo “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir. Foi através das suas palavras, e do tumulto gerado por elas em meio a uma relação amorosa prestes a se desfazer, que caí na vida: tornei-me feminista. E aqui estou, após quase vinte anos, retomando um tema do qual falei com paixão, desde os primeiros dias...

Vou tentar ordenar minhas reflexões em quatro eixos ou itens e, então, vocês julguem se isso tudo faz algum sentido, se produz alguma ressonância em suas próprias reflexões. É tarefa difícil falar de sexo (eu não vou entrar no debate sexo-sexualidade, adoto-os aqui como termos equivalentes), porque tudo o que podemos dizer diz respeito às nossas leituras mais recentes ou das experiências mais inquietantes em nossos trabalhos, e assim por diante.

Começo pelas importantes contribuições de John Gagnon, sociólogo americano, cujo contato me permitiu repensar dinâmicas rígidas na constituição das

¹ Fala apresentada na mesa redonda Sexualidade e Direitos Sexuais no XIII Encontro Nacional Feminista, João Pessoa, PB, de 26-29 de abril de 2000.

subjetividades. A rica noção de *scripts* ou roteiros, adotada pelo autor de *Human Sexualities*, me fez ver que de fato não nascemos mulheres ou homens, tornamo-nos. Mas, também neste *tornar-se*, se inscrevem séries de fatores que, combinados, produzem os sujeitos que nos tornamos nas diferentes sociedades que habitamos. *O quê, quando, como, onde, com quem e por quê* são os *scripts* que marcam a formação de todo sujeito na definição de suas sexualidades e são programados para as crianças antes mesmo que elas nasçam. Variam de uma cultura para outra, dentro de uma mesma cultura e seguem mudando conforme o momento histórico, o que permite a coexistência de diferentes padrões de comportamento, uma situação típica de contraste, numa mesma cultura entre o “velho” e o “novo”. Podemos, ainda, pensar em como outros marcadores sociais combinados – classe, etnia, raça, idade, religião – ofereceriam possibilidades de fabricação de diferentes seres humanos e, conseqüentemente, de suas sexualidades, o que justifica o uso do plural. É importante pensar, também, em como esses roteiros são assimilados, vivenciados, aceitos, rejeitados e transgredidos.

Durante muito tempo ouvi e aceitei acriticamente que homens e mulheres eram sim um produto social, recebendo cada qual sua dose, seu pacote de educação diferenciada e que, por isso, os homens eram assim e as mulheres assado. Fortes, dominadores, ativos contra frágeis, submissas e passivas. Ver as coisas desse modo é insistir que as coisas se dão no mero modo de reprodução: reproduzimos *ad infinitum* aquilo que aprendemos, retirando a possibilidade de processá-lo de forma relacional e dinâmica. Basta olhar para os lados, com a necessária atenção, e ver que há meninos e meninas que compartilham muito mais semelhanças que diferenças. Entretanto, devido ao processo de socialização - a escola ocupando aqui um lugar importante - os sujeitos parecem ir se separando em suas “masculinidades” e “feminilidades” construídas de rígidas polarizações. Aos que transitam nas fronteiras do esperado e do programado - eu incluo aqui as expectativas politicamente corretas também! - resta a pecha de inadequados ou mais severamente, anormais.

O sexo é um produto de seu tempo. Com essa afirmação, me volto para o segundo “pedaço” da minha fala, que tenta articular a produção de verdades sobre a sexualidade.

Verdades têm sido erigidas em torno do sexo, ao longo da história, e em consonância com o fluxo da moral, da ciência e da religião. Cada discurso produzido, entretanto, soou como verdade incontestável em seu tempo. Até que tais verdades começassem a ser questionadas e desconstruídas. Dizendo assim, parece que o cenário se organiza através de uma sucessão linear, onde velhos discursos são substituídos por novos. Não é bem assim. Novamente, como afirmava a propósito dos *scripts*, cada momento histórico convive com antigos e novos padrões estéticos, morais, religiosos e científicos. Gostaria de marcar isso. Podemos perceber linhas descontínuas de mudança nos padrões de comportamento sexual das pessoas. Chamamos tradicionais posições que parecem não estar de acordo com o que adotamos como moderno. Uma geração diz sempre a respeito da outra que “no meu tempo era assim...” No passado, o que levaria anos, décadas, séculos, para ser percebido como mudança, hoje, dada a revolução tecnológica, a comunicação que atinge globalmente e impacta diferentemente indivíduos de todo o planeta, essas mudanças se apresentam como um frenesi. Todavia, os “velhos” *scripts* permanecem, coexistem e interagem entre si, criando tensões. Esse tem sido o panorama que eu percebo desde que comecei a explorar a temática.

Por outro lado, mesmo face a essa coexistência, ao embricamento de um discurso no outro, percebemos que é comum que um discurso se torne hegemônico, mais aceito, mais verdadeiro como assinala Foucault. Um discurso verdadeiro é aquele que é acolhido e validado por diferentes campos do saber, mesmo aqueles aparentemente opostos como é o caso da religião e da ciência. Agindo solidariamente eles mantêm o estatuto de verdade e passam a ser proferidos e consumidos como palavra final. Neste sentido, ainda concordo com Foucault que o discurso hegemônico sobre sexualidade em nossos tempos é o discurso científico e mais precisamente, o discurso biomédico, incluindo-se aqui os não menos poderosos discursos da sexologia e da psicologia. Posso estar muito influenciada pela minha leitura de Foucault, mas vejo isso a todo momento, quando paro na banca de revista e percebo as matérias sobre as recentes descobertas na área do prazer sexual, o anúncio de novas drogas, suas colunas de aconselhamento assinadas por médicos/as ou psicólogos/as, etc. O mesmo quando leio as publicações que versam sobre educação sexual que respondem tudo com a tinta do discurso biomédico, e na desmoralização de outros discursos que adotam outros modelos explicativos ou outras lógicas e saem assim do “verdadeiro”.

O discurso hegemônico não molda só a resposta, senão que igualmente a pergunta, uma vez que cria a necessidade de se estar cada vez mais no verdadeiro. Queria propor um exercício a esse respeito. O Grupo Transas do Corpo possui um serviço de atendimento ao/à usuário/a que inclui na sua homepage uma seção de perguntas sobre sexo. O serviço foi introduzido há menos de um ano e as perguntas, excetuando-se aquelas sobre reprodução, AIDS e contracepção, têm se concentrado fundamentalmente nas dúvidas sobre o prazer sexual e das clássicas interrogações sobre o que é *normal*. Trouxe uma destas perguntas para usar como exemplo. Uma moça formula a seguinte questão: ***“eu gostaria de saber se leva muito tempo para uma mulher sentir orgasmo (estatisticamente falando). Eu ainda não tive nenhum e não sei realmente qual está sendo a dificuldade para eu chegar lá. Grata. Ana.”*** (nome fictício).

O que nos diz a pergunta? Da existência de um fim ao qual se deve chegar com a prática sexual, o orgasmo. De onde vem a necessidade do orgasmo senão da verdade que diz que ele é o coroamento, a gratificação maior da expressão sexual. Não que eu discorde! Acho que gozar é ótimo. Ela quer saber das estatísticas (marcador de precisão científica) e fala ainda da dificuldade, ou seja, de sua inadequação a algum padrão que ela supõe ser o normal. Parece bobagem, afinal seria apenas uma questão de responder clara e concisamente a uma pergunta igualmente clara e concisa, afinal assim reza boa parte dos manuais de educação sexual modernos. Mas, qual seria o mérito de tal resposta? No que estaríamos contribuindo para uma visão mais crítica das verdades sobre sexualidade? Ao invés de responder ao estilo sexológico (a fisiologia do orgasmo, o tempo de duração, as estatísticas das mulheres que não gozam, etc.) eu não poderia usar uma outra pedagogia? Por exemplo, perguntar-lhe acerca do que ela entende por orgasmo, que tipo de associações estabelece quando pensa em orgasmo, com quem se relaciona, que tipo de comunicação vivencia na relação, como se sente em relação ao seu corpo, ao toque, ao outro, e assim quase infinitamente reinventando formas de promover sua auto-reflexão sobre sua pergunta. Acho até que, por razões práticas e metodológicas (o serviço precisa responder agilmente às questões que chegam), Ana recebeu, além do roteiro das perguntas promotoras de auto-reflexão, alguns dados mais

“objetivos” sobre o orgasmo e as estatísticas; se não me engano, usamos dados do Relatório Hite. Moral da história: é mesmo difícil recusar o “verdadeiro”!

Um outro argumento para ilustrar o que estou dizendo a propósito do discurso biomédico como discurso hegemônico me foi dado através de uma das questões contidas no questionário sobre educação sexual, quando estava realizando minha pesquisa de mestrado em educação. De 131 pessoas que responderam ao questionário, 46% , somadas as alternativas, consideravam que o profissional mais qualificado para falar de sexo com os/as alunos/as seria o/a professor/a de ciências, o/a médico ou o/a psicólogo/a, confirmando o *locus* privilegiado de tais ciências nas discursividades sobre sexo. Talvez isso explique, em parte, o porquê do interesse inicial pelas aulas de educação sexual nas escolas ir diminuindo no decorrer dos programas, porque quase nunca se vai além da exploração de temas como corpo - fisiologia, é claro, reprodução e AIDS. Muita ciência sexual, pouca arte erótica, até porque, nas escolas “normais” é difícil pensar em arte erótica como parte de qualquer programa de educação sexual!

Aproveitando esse gancho da arte erótica e reintroduzindo a questão dos *scripts*, gostaria de falar um pouco sobre a idéia da pluralidade sexual ou da democracia sexual, como o terceiro eixo. Talvez percorrendo caminhos que eu veria como possibilidades num cenário de vivências sexuais e amorosas difícil de realizar porque frontalmente na contramão da norma.

Vou mencionar outra vez Foucault, desta vez para recordar sua utopia numa nova estética da existência baseada em outra ordenação social das relações amorosas. Foucault acreditava numa estética *gay* de existência, um modo de vida inventado pelos homossexuais que poderia ser inteiramente diferente do modo de vida empobrecido - segundo suas palavras - heterossexual. Aos *gays* estariam dadas as condições de romper com as amarras tradicionais do casamento legal e monogâmico e todas as suas leis. A saída para o modelo baseado na idéia de repressão sexual passaria inevitavelmente pelo uso dos corpos e dos prazeres e pela invenção de modelos de convivência fundados na amizade, na solidariedade e na rebeldia aos códigos sociais que tanto empobrecem as relações humanas. Chamo esse modelo de utopia porque vejo que ele se realiza apenas

em parte, e de forma muito tímida, nas nossas sociedades. Não ignoro as múltiplas facetas de ordem política, econômica e cultural que dificultam a construção de um tal modelo. O próprio Foucault diz a esse respeito que uma tal ordenação, um mundo relacionalmente rico se tornaria muito complexo de administrar, tendo em vista as tramas de poder que organizam todas as relações sociais.

Po outro lado, a experiência mais igualitária vivida por casais *gays* parece ter inspirado uma nova geração de amantes. Apoiando-se no mesmo substrato, o da invenção de novas formas de amar e relacionar-se sexualmente pelos pares *gays*, Anthony Giddens afirma que convivemos hoje com formas de amar inteiramente baseadas no que ele chama de relações puras, ou seja, o viver uma relação pelo que ela é e pelo que ela oferece em termos de intimidade. Casais que vivem juntos sem nenhum tipo de vinculação econômica, pacto de fidelidade ou mesmo co-habitação, e cuja característica fundamental é a igualdade. Segundo este autor, este tipo de estética amorosa começou com os *gays* e se estendeu ao universo heterossexual, inovando as relações de intimidade que, por consequência, contribuem para inovar, também, outras esferas, como a política, democratizando relações de trabalho, o cotidiano e não só a conjugalidade.

Já Maria Luiza Heilborn, estudando qual é o lugar da sexualidade em termos de importância para sujeitos de contextos sociais diversos na cidade do Rio de Janeiro, dá conta de que o que parece ser uma estética da existência caracterizada pelos nossos discursos de igualdade, liberação, etc., característicos de uma parcela intelectualizada de classe média urbana, não encontra correspondência quando referidos a alguns grupos nas classes trabalhadoras. Analisando trajetórias femininas e masculinas, do ponto de vista das relações de gênero, Heilborn nos mostra que é comum encontrar mulheres que esperam por homens que reproduzam os papéis tradicionais de masculinidade, de provedores, etc. Seu estudo revela ainda a variedade de comportamentos existentes, nestes contextos, frente à virgindade e à iniciação sexual pelos rapazes e pelas moças. Isso só confirma aquilo que venho afirmando a propósito da coexistência de *scripts* novos e velhos dentro de uma mesma cultura, um fato que não podemos ignorar quando tratamos politicamente a questão da sexualidade.

Tudo isso constitui, a meu ver, um nexó entre sexualidade e subjetividade. E assim eu retomo o início da minha fala e a finalizo, falando da forma como as práticas sociais vão ajudando a moldar aquilo que somos. De como certas práticas sociais podem nos ajudar a transgredir, a sair do lugar que os *scripts* tradicionais nos reservaram.

O feminismo ou, pelo menos, algumas formas de convivência feministas me ajudaram a fazer de mim uma pessoa diferente. A prática feminista me ensinou uma outra forma de pensar e viver a sexualidade, o meu corpo, os meus prazeres. Por isso creio que os encontros feministas são um espaço rico de construção de novas subjetividades, de desalienação dos corpos. Através do susto, da dor, da surpresa, da relutância em aceitar a novidade que vemos em cada encontro, vai-se desenhando em nós possibilidades de nos formarmos novas mulheres, rompendo com nossos velhos pressupostos ou nossas verdades rígidas. O feminismo, a emergência da teoria de gênero, são ferramentas políticas importantes para a transformação social que queremos, para construir uma sociedade não sexista, não violenta, não discriminatória das diversas formas de viver os amores e os prazeres. Como em toda prática, precisamos estar atentas numa atitude francamente crítica, porque é fundamental que sejamos críticas do nosso próprio discurso, para mudá-lo e reinventá-lo, para mudarmos e reinventarmos a nós mesmas.

Referências bibliográficas:

- FOUCAULT, Michel. A vontade de saber. In: *História da Sexualidade*. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. The social triumph of the sexual will. In: BARBADETTE, G. Conversation with Michel Foucault: *Christopher Street* (64), May, USA, 1982
- GAGNON, John. *Human Sexualities*. Glenview, Illinois: Foresman and Co, 1977.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GONÇALVES, Eliane. *Educação sexual em contexto escolar – da formação de professoras/as à sala de aula*. Goiânia: UFG, 1998 (dissertação de mestrado).
- HEILBORN, Maria Luíza. *Sexualidade – o olhar da Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1999.